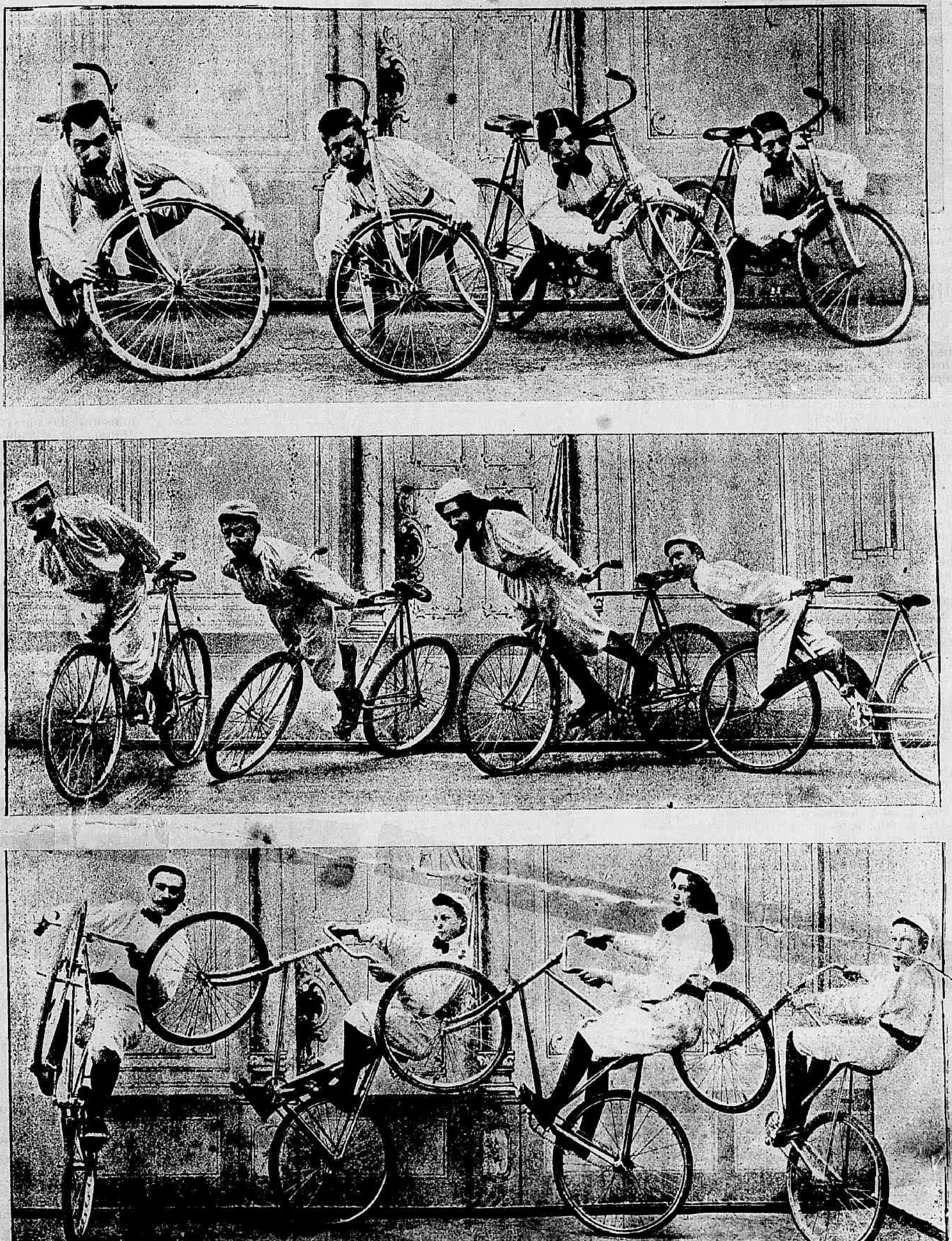
Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Anno I. — N. 9 DOMINGO, 15 DE JULHO *Numero: 300 réis*

ALTA ESCOLA CYCLISTA



A familia Kaufmann nas suas proezas extraordinarias de equilibrio (um dos maiores successos em Paris, actualmente). Terminada a Exposição, é possivel que essa esplendida *troupe* venha trabalhar no Rio.

Pavilhão insular — mais conhecido, embora impropriamente, por *enfermaria fluctuante*. Utilisado no principio da epidemia, está hoje abandonado.

CORREIO DA SEMANA

Rio, 14 DE JULHO.

Quanta cousa caberia hoje, nesta pagina da *Revista!* Se ainda ha chronista que se queixe de falta de assumpto, é porque o homem é natural e fatalmente incontentavel: animal nunca saciado, o homem é capaz de se queixar da sua má estrella, mesmo quando, depois de morto, se vê sentado no céo, á mão direita de Deus Padre, no explendor da Bemaventurança eterna.

Só a China, que assumpto! As ruas de Pekim rolando rios de sangue, as casas das legações incendiadas, ministros e padres expirando nos brazeiros ateiados pelo odio, e a resurreição d'aquelle vasto formigueiro, adormecido durante seculos, acordando agora, ao rebate da colera, estremecendo o mundo todo com o clamor do seu desespero... Isso bastava para exgottar toda a provisão de commentarios do mais facundo dos chronistas.

E a peste? e o cambio? e o inquerito sobre a operação das xyphopagas? e... Mas não ha tempo, nem espaço para tanto. Aproveite-se um assumpto só, que seja capaz de interessar por um quarto de hora a cabecinha leviana da leitora, e a cabeça, bem mobiliada de idéas, do leitor sisudo.

* * *

Ha dias, quando rompia a manhã, moradores de uma estalagem da Cidade Nova ouviram no pateo um chôro humano, fraco e abafado, — um chôro de criança. Ha crianças que choram alto, berrando, com colera: são as crianças ricas, as felizes, as que não choram para implorar, mas para exigir. As outras, as que nascem marcadas de um estigma de maldição, quasi nem se atrevem a chorar: como que Deus lhes dá a consciencia da inutilidade do seu chôro...

O lamento que se ouvia na estalagem da Cidade Nova, partia de uma barrica de lixo. Entre o cisco da vespera, os restos da comida, os farrapos immundos, os rebutalhos da vida, — gemia um rebutalho vivo, um farrapo animado, um pouco do cisco da miseria humana, uma criança recemnascida.

Em geral, as mães que abandonam os filhos, têm o piedoso cuidado de os deitar n'uma soleira de porta, amarrando-lhes ao pescoço um papel com um nome, uma prece, uma indicação qualquer. Esta mãe, porém, não perdeu o seu tempo com isso. Varreu do seu corpo o filho, como de sua casa varrêra o lixo; e confiou o filho á mesma barrica a que confiára o lixo. Que era para ella aquelle pedaço de carne palpitante, senão cisco, detricto, immundicie, porcaria? Quando se entregou aos beijos de um homem, ella não pensava de certo em conceber: queria gozar, queria fartar-se, queria delirar. Nesse delirio e nesse gozo, poderia ter arranjado uma molestia torpe; mas arranjou cousa peior: arranjou um filho. Para o lixo!

E, por toda uma noite, o cisco humano gemeu. As horas correram lentas e frias. Cachorros famintos rodavam na treva; gente entrava, gente sahia. E o cisco gemendo... Decididamente, começou bem a vida esta creatura!

* * *

Um jornal, noticiando o caso, escreveu que a mãe desnaturada, capaz de assim entregar á pá do homem do lixo ou á gula dos cães vagabundos uma porção da sua carne e da sua alma, — tem entranhas de hyena!

De hyena! Pobres feras; perseguidas e caçadas nos mattos a balas explosivas; encarceradas em jaulas nos jardins zoologicos; passeiadas pelas feiras sob a dura ameaça dos vergalhos dos domadores, — ainda tendes, pobres feras, de soffrer de quando em quando a injuria e a calumnia!

Verdade é que as feras devoram ás vezes os filhos... Mas têm, para isso, a suprema das razões, que é a fome. Reintegram na sua economia o que d'ella sahio: o que ellas não fazem é o que fez a mulher da Cidade Nova...

Alfredo de Miranda Sobrinho

Paulo

Osvaldo Leite de Oliveira

Entranhas de hyena! As hyenas, quando parem, lambem demoradamente e carinhosamente os corpinhos ainda glabros dos pequenos, aquecem-nos, defendem-nos dos attaques dos outros animaes, e dão-lhes o seu leite e o seu amor que é tudo quanto têm e tudo quanto lhes podem dar.

Julio Gerard, o famoso caçador de leões, o explorador da Africa adusta, aquelle «que quanto mais conhecia as feras, mais desprezava os homens», tem uma pagina eloquente que é a rehabilitação da hyena. «Esse pobre animal é uma victima do seu proprio aspecto... Quem a vê, taciturna e repugnante, de forte pescoço e crinas eriçadas, mostrando os dentes agudos, imagina logo que alli está o typo da crueldade e da traição. E' um erro e uma calumnia. Um erro, porque, longe de ser nociva, a hyena presta grandes serviços devorando os animaes mortos que na estação calmosa infeccionam os *aduares*, e as immundicies que se lançam fóra das povoações. E' uma calumnia, porque, de todos os animaes da creação, nenhum é mais timido...»

* * *

Fossem dizer a Julio Gérard que uma hyena é capaz de arrancar do ventre um pedaço da sua propria vida e enterral-o numa barrica de lixo! Mas para ter força e leite com que alimentar os hediondos filhos das suas entranhas, as hyenas vão aos cemiterios desenterrar os cadaveres e comel-os...

Oh! antes de ter visto bem a luz da vida, antes de ter respirado bem o ar da terra, ser atirado assim a uma barrica de lixo, como um resto pôdre de materia! Só o animal-homem é capaz de cousa assim...

Não calumniemos as féras. Entre os homens a bondade é uma excepção. O mais caridoso, o mais sensivel, o mais generoso, o mais bondoso de todos nós, é ainda assim, um patife de tal ordem, que, como Hamlet, deveria profundamente arrepender-se de ter vindo ao mundo!

OLAVO BILAC.

OS ESPECTACULOS DA SEMANA

Theatro Sant'Anna — Sabbado 7, domingo e segunda, representações d'*O Perdão* de Julio Lemaître. Na peça, os principaes papeis estavam distribuidos a Lucinda e Lucilia Simões e Christiano de Souza. Isto basta para dizer que a interpretação foi magistral. O mesmo succedeu á da pequena e delicada peça em um acto, de Coelho Netto *Ao Luar* e da esplendida comedia de Dumas Filho, *Monsieur Alphonse*. Com ella fez a companhia mais uma das suas récitas da moda. *Mancha que limpa* do grande dramaturgo hespanhol Echegaray, foi reservada para estréa, na sexta-feira, da actriz Georgina Pinto.

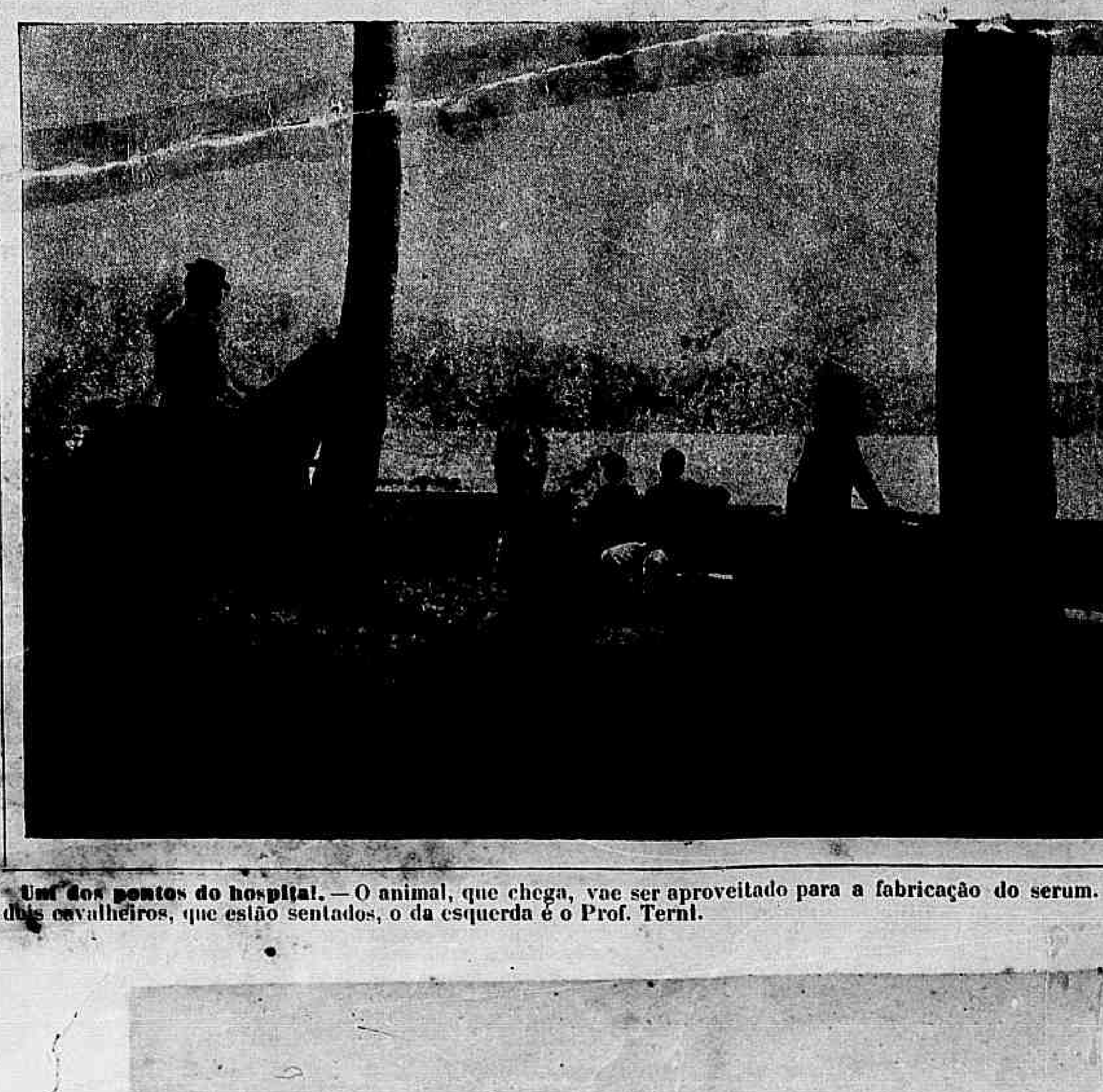
Apollo — Durante toda a semana, o *Relogio Magico*. Apenas á quinta-feira deu um espectaculo com a *Mascotte*.

Lucinda — *A triste viuvinha*, de D. João da Camara; o *Fiscal dos vagões-leitos* e o drama hespanhol *Manelich*.

Variedades — Deu no sabbado *Mosquitos por corda*, espectaculo de beneficio.

Guarda-Velha — Concerto, bailes, cançonetas. Os artistas do costume.

Alcazar-Parque — O luxo e bom gosto com que a empreza montou a *Marcha de Cadiz* déram-lhe o attractivo de uma verdadeira novidade. Além dos successos, todos os dias confirmados de Orlati, do actor Machado, Jenny Cook, Ilfor's, Bascans, Emilia e Annita, Placide, Concha, Villard e Geraldo, a direcção fez vir a notavel cantora russa *Laura Pusztay* e a chilena *Callerusa*.



Um dos pontos do hospital. — O animal, que chega, vae ser aproveitado para a fabricação do serum. Dos dois cavalheiros, que estão sentados, o da esquerda é o Prof. Terni.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

A situação dos estrangeiros na China continúa a preoccupar todo o mundo civilisado. E', porém, difficillimo saber a verdade exacta sobre o que lá se passa porque os telegrammas são frequentemente contradictorios e ás noticias mais sensacionaes succedem logo os desmentidos.

Nos ultimos dias da semana passada chegou a noticia do assassinato de todos os representantes das potencias estrangeiras acreditados junto á côrte da China. O consul inglez em Tien-Tsin narrava nos seguintes termos o lamentavel successo:

« Depois do assassinato do ministro allemão, os diplomatas e suas familias refugiaram-se no edificio da legação ingleza, por estar preparado para a defeza.

Para ali foram o ministro italiano, sua mulher e filhos e o padre addido Gaetano Vitale, o ministro francez e mulher, empregados e serventes, ministro russo e mulher, ministro dos Estados-Unidos e mulher, consules russo, austriaco, belga, allemão, sueco, japonez e portuguez, secretarios das legações, interpretes e familias dos mesmos.

Reunidos todos com grande porção de armamento e munições, esperavam os soccorros que lhes deviam chegar.

Os boxers rodearam o local, sitiando-o e expellindo gritos horrorosos de exterminio contra os estrangeiros.

Aos edificios das legações abandonados era ateado fogo, assim como aos templos christãos, matando osboxers quem nelles encontravam e atirando os cadaveres em uma fogueira.

Os refugiados na legação ingleza sustiveram muitos ataques dos boxeres; mas, a guarnição ficou extenuadae teve de ceder por fim ao decimo oitavo dia de heroica resistencia.

O populacho então invadio a legação, demonstrando furia terrivel, degollando homens, mulheres e crianças e lançando os cadaveres a uma fogueira feita de madeiras dos moveis da legação.

Milhares de cães devoravam os cadaveres, tendo estes ficado insepultos e putrefazendo-se ao ar, durante muitos dias. »

Ao mesmo tempo o commandante do cruzador italiano *Elba* confirmava a noticia do massacre, não só de muitos italianos, como em especial do Sr. Raggi, secretario da legação e do respectivo interprete.

Maior verosimilhança vinha ainda á triste communicação do facto do consul norte-americano em Cantão accusar o recebimento de um telegramma anterior ao annunciado massacre, dizendo: « Estamos sitiados ».

Afora esta ultima parte — o sitio das legações — parece que tudo mais não passa de imaginação.

Noticias posteriores communicadas officialmente pelos consules estrangeiros de Shanghai aos respectivos governos asseguraram que o sitio ás legações havia cessado e o pessoal d'ellas estava salvo. Só, portanto, o ministro allemão, Barão de Ketteler é que foi victima.

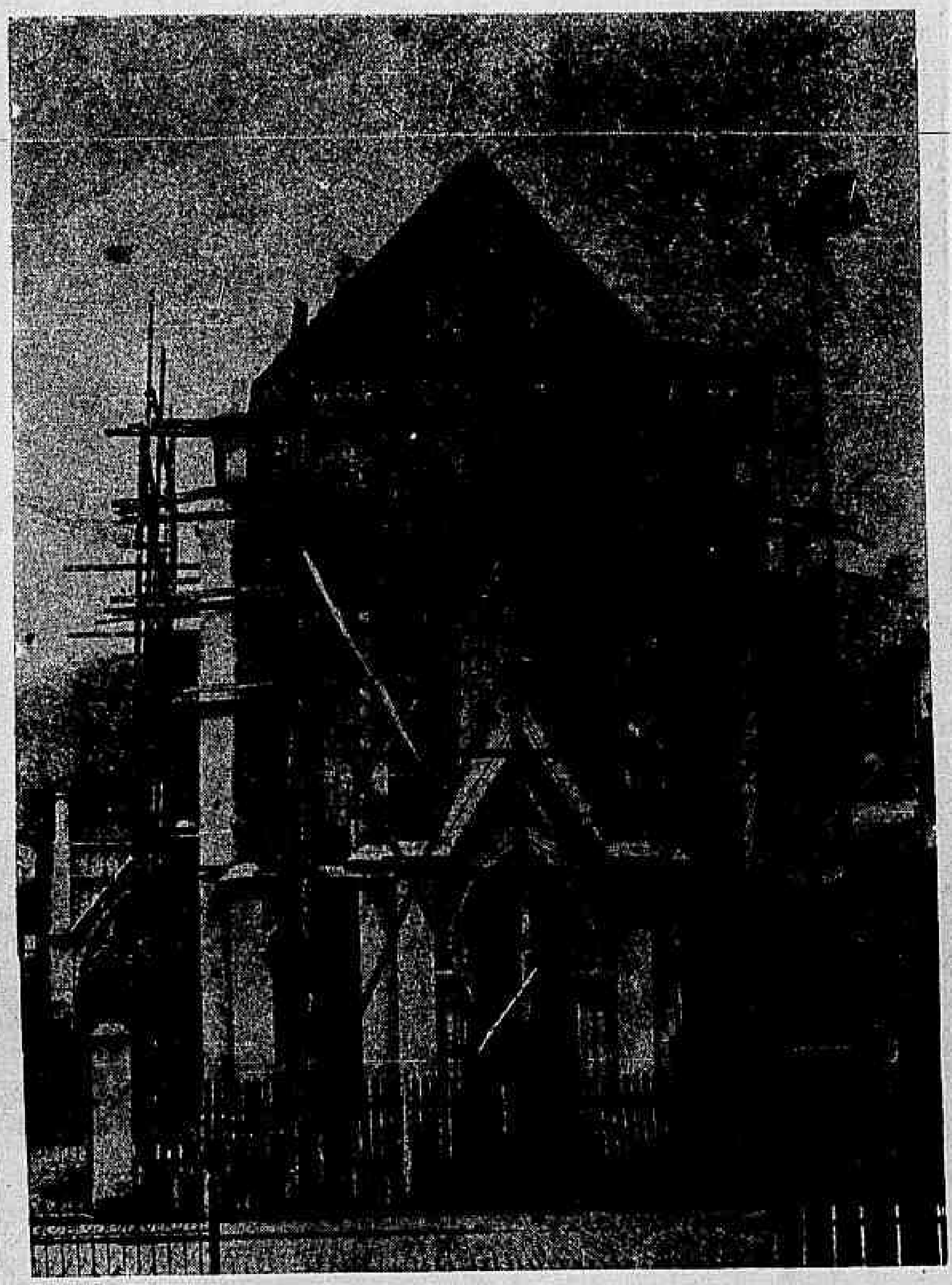
Telegramma de 11 diz que a imperatriz regente lançou um edito, lamentando a morte do ministro allemão, a qual diz ter sido devida sómente á imprudencia do mencionado diplomata, que, não obstante avisado pela soberana de não se ausentar de sua legação, tentou sahir, sendo sorprendido pelos boxers.

Nesse dia vieram até mesmo contestações de que os edificios das legações tivessem soffrido o minimo assalto ou assédio. Esta ultima noticia, que pode ser a verdadeira, não se affigura muito acreditavel.

Boatos de que o Imperador houvesse sido assassinado por ordem da regente foram desmentidos. Telegrammas mais recentes dizem, ao contrario, que elle trabalha de accordo com a imperatriz para pacificar a China. E' para o que as potencias européas e os Estados-Unidos annunciam estar tambem trabalhando.

Consta que o principe Tuan mandou decapitar 4.000 boxers, que dirigiram ao governo uma petição afim de continuarem as depredações no bairro europeu.

Inaugurou-se em Bolonha um novo monumento ao heroico general Giuseppe Garibaldi.



Igreja do Sagrado Coração de Jesus

D. Joaquim de Arco Verde, arcebispo do Rio de

A Allemanha já nomeou novo ministro para Pekim.

A 11, o jornal norte-americano *World* noticiou a descoberta de uma conspiração contra o presidente Mac-Kinley. Attribuem-na a um conluio de hespanhoes e cubano, que desejavam fazer assassinar o presidente.

Um dos cumplices, no dia 9, vespera do projectado crime, deu parte ás autoridades. Graças a essa denuncia pôde o chefe da nação escapar. Fizeram-se logo após duas prisões e o presidente está agora vigiado de perto por uma guarda especial preposta á sua defeza.

No Amazonas, a 8 do corrente, o Congresso Estadual apurou a eleição do successor do actual governador, que será o senador federal coronel Silverio Nery. Como vice-governador está eleito Monsenhor Coutinho.

No Estado do Rio de Janeiro, procedeu-se, tambem á 8, a eleição do futuro presidente. Os dois partidos politicos que disputam a supremacia do governo do Estado suffragaram a candidatura do senador Quintino Bocayuva para presidente e dos Srs. Rangel Pestana, Pereira Lima e Antonio Fialho para vice-presidentes.

No Ceará, a 12 do corrente, inaugurou-se o novo governo. Ao Dr. Nogueira Accioli succedeu o Dr. Pedro Borges.

A peste bubonica tem estendido continuamente a sua área de acção, embora o numero de casos fataes permaneça minimo. Um caso occorrido no Collegio Militar fez com que, á requisição da Directoria de Saude, ficasse aquelle estabelecimento interdicto por dez dias.

No dia 7, a Camara Italiana votou o accordo com o governo do Brazil, graças ao qual este consente em applicar a tarifa minima ás procedencias da Italia, fazendo o governo italiano a reducção de20 liras nos direitos que pagam cada cem kilos de café.

Igual accordo com o governo francez foi approvado por collossal maioria na camara dos deputados da França. O Senado, segundo disseram os primeiros telegrammas, começou rejeitando a medida — o que parecia pôr termo á questão, rompendo o convenio. Telegrammas de 11 dizem, porém, que aquella reunindo-se de novo, após o escrutinio, reconsiderou o seu voto.

Sabe-se hoje que ha na China grande quantidade de armamento moderno do mais aperfeiçoado. Esse armamento foi adquirido á Inglaterra e á Allemanha com parte do emprestimo negociado pelo governo chinez para pagar a indemnisação aos japonezes.

Só em maio do anno de 1895 adquiriram os chins 71 canhões de costa e 11.740 projectis; em dezembro 123 canhões e 49.400 projectis, nos annos de 1896 a 1898 compraram á Inglaterra 297 canhões e quatro milhões de balas, e á Allemanha 500.000 fusis Mauser e sete milhões de cartuchos.

Tambem compraram os machinismos necessarios para a fabricação de projectis.

O *War Office*, a 12, communicou á imprensa um telegramma do marechal Roberts, noticiando um revez soffrido pelos inglezes.

Os boers atacaram a praça de Colnicals, 18 milkas distante de Pretoria, occupando-a depois de renhido combate, em que fizeram diversos prisioneiros e apossaram-se de dois canhões.

O total dos cadaveres descobertos até 12, de victimas do pavoroso incendio das docas de Hoboken, sinistro que se deu a 30 do passado, é de 168, contando os ultimos 24 [illegible]rados hontem á tarde dentro do vapor *Saab*, depois do salvamento d'esse vapor, que estava submergido no porto desde o dia do incendio.

O Sr. ministro da fazenda recommendou á contabilidade do Thesouro que forneça aos engenheiros Abel Ferreira de Mattos, Antonio de Salles N. Belfort e João Fernandes da Silva os elementos de que precisem para or[illegible] estatistica das estra[illegible]

A CURA DA TRISTEZA

Tristezas, cura-as o tempo facilmente, dirão os optimistas. Os pessimistas, ao contrario, affirmarão que o mal é sem remedio. E' o *Ecclesiastes* quem assegura que o *homem é um animal triste?* Seja como fôr, medicos ha que têm a pretenção de tratar da tristeza, como de uma molestia simples e banal.

Hahnemann, o fundador da homœopathia, não ia muito longe nas suas pretenções a este respeito, mas quiz fazer uma classificação das dores physicas e descobrio pacientemente 73 especies distinctas. Outros autores contentaram-se com 38 e até 12. Mas não é das dores, é principalmente das physicas, que nós tratamos aqui. E' das moraes.

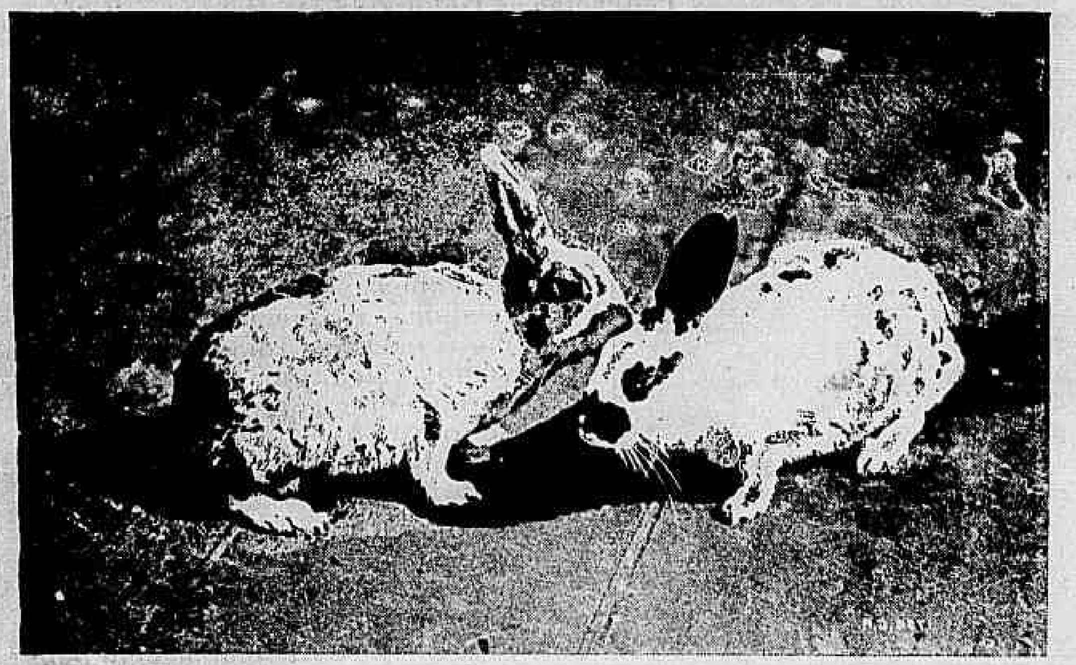
A tristeza é um estado attenuado de soffrimento, mas de um genero mais elevado. Comprehende-se bem que se ache medicação adequada para uma dor de dentes, de estomago, de cabeça. O mal está localisado em ponto certo, a que o remedio póde ir com toda a segurança. Mas a consciencia exacta de nobres sentimentos contrariados é o que sempre parecerá escapar á medicina. E em que outra cousa consiste a tristeza senão nisso?

Ah! meus amigos, os senhores não imaginam como em geral os philosophos e os medicos são uns seres abjectamente prosaicos! Dantes a opinião dos poetas é que prevalecia: acreditava-se que a dor tinha alguma cousa de divino. Vinha dos altos céos, como um dom mysterioso da divindade:

> «Deus quiz que todos os seres
> tivessem dôr e ventura;
> mas por annos de amargura
> deu minutos de prazeres.»

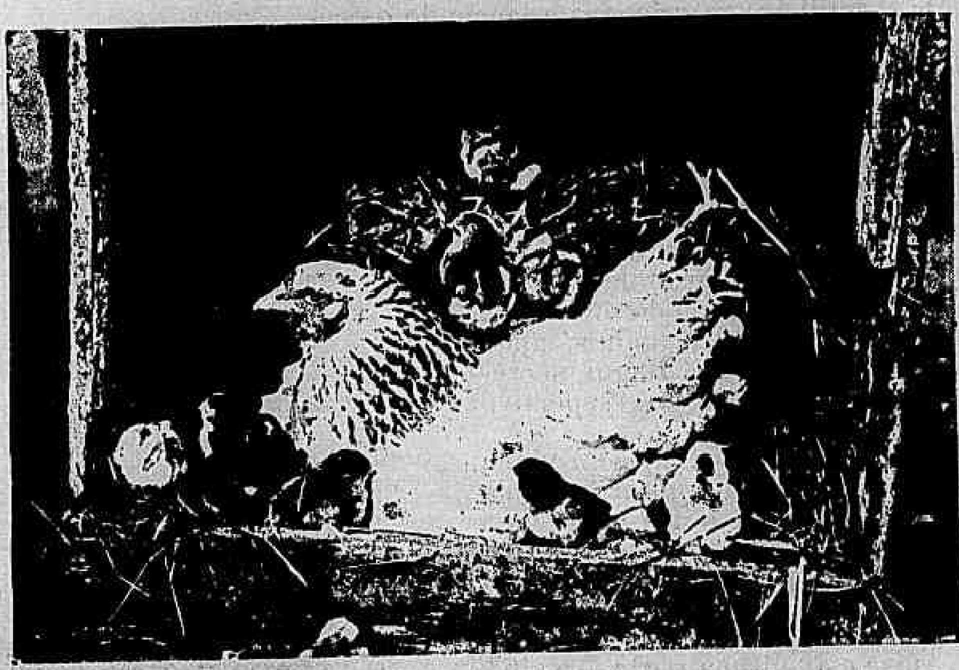
Concurso de Instantaneas. — 1º premio: «Revoltosa» — Onda photographada em Copacabana pelo Dr. Mario M. Galvão

Explicar essa amargura ou esses prazeres seria perscrutar os altos designios do Omnipotente. Quando muito, que os sabios se contentassem em achar remedio para as pequenas affecções locaes. Quem pretenderia curar do seu pessimismo um Schopenauer ou um Hartmann?



Concurso de instantaneas. — «Conto do... coelho». Photographia da Exma. Sra. D. Maria Francisca Marques Lisboa

Ah! os senhores não avaliam como a sciencia moderna é pretenciosa! No caso dos dois grandes philosophos acima citados deve-se mesmo distinguir uma cousa. E' certo que elles escreveram volumosas e eloquentes obras, provando que no mundo só ha dôr e miseria, que nós somos e devemos ser irremediavelmente tristes, pela consciencia da incuravel predominancia do mal sobre o bem. Mas elles fizeram como o Frei Thomaz do dictado popular, que



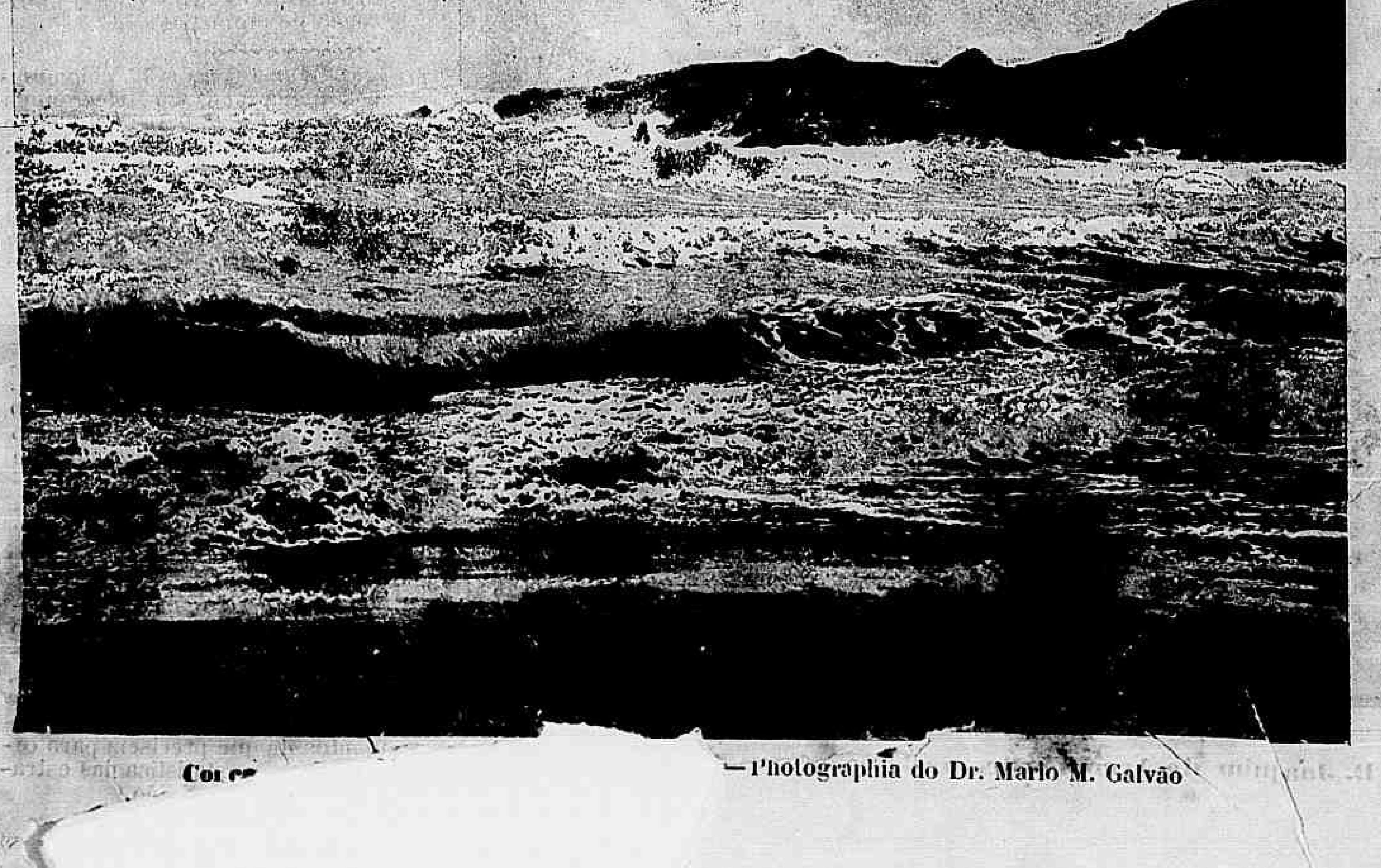
Concurso de instantaneas.—2º premio: «Amor materno». Photographia da Exma. Sra. D. Maria Francisca Marques Lisbôa

prégava muito virtuosamente, mas não se conformava com as suas proprias prédicas... Hartmann foi mesmo mais longe: para extinguir mais depressa a Humanidade lembrou dois alvitres heroicos: o suicidio em massa e a pratica no homem da operação que reduz os gallos a capões... E' inutil dizer que elle não fez em si nada d'isso. Vive alegremente, bem disposto, sadio e tem uma bonita collecção de filhos! A tristeza, elle a vasou toda nos seus livros, de tal sorte que para uso proprio, na vida real, nada lhe ficou.

Mas, em todo o caso, mesmo nos seus livros elle não poetisou as grandes dores moraes. Pelo contrario! Affirmou nitidamente que o soffrimento por um dente ou um callo, é perfeitamente da mesma natureza que o soffrimento pela perda de uma pessoa amada. Não queria isso dizer que a morte dos amigos lhe fizesse doer o dedo mindinho do pé. A asserção tanto do philosopho allemão como hoje de todos os psychologos é que as chamadas *dores moraes* não são mais do que lembranças de dôres physicas, e que ellas nada têm de um caracter especial, divino, mysterioso. Para se sentir a gradação, é preciso ir vendo como se póde passar de uma para outra.

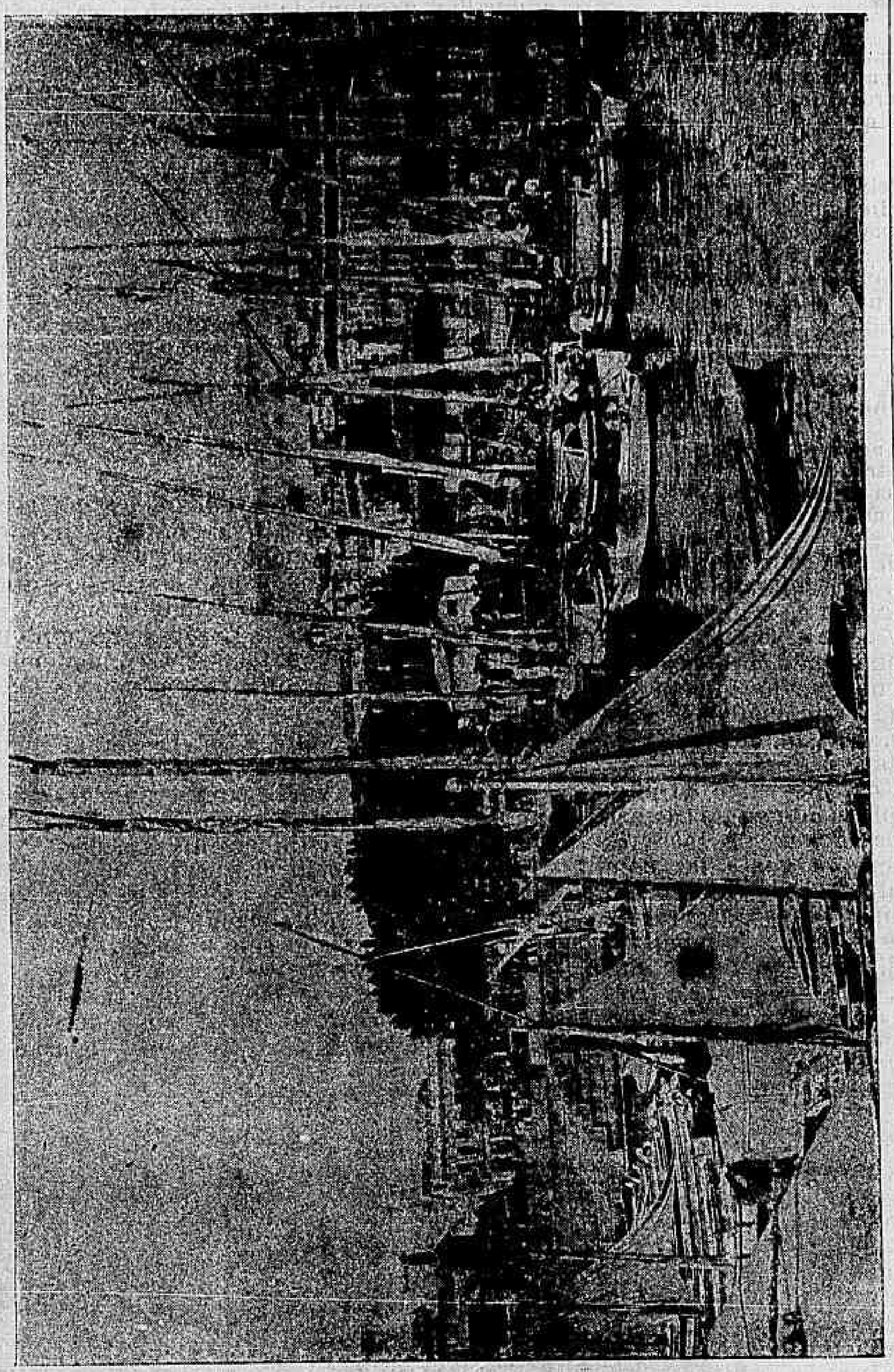
Ribot lembra para exemplo o que succede a uma criança, que já tomou um remedio amargo e a quem o querem servir uma segunda vez, ou que tambem pela segunda vez vai arrancar um dente. Chora, desespera-se, lastima-se; tem, só de pensar nisso, uma sensação desagradavel, dolorosa. E', porém, uma dôr physica real? Não se o póde dizer, porque ella está apenas ligada a uma imagem. Não obstante, fôra tambem descabido chamal-a dôr moral. E' somente um phenomeno de memoria — mas memoria de um incommodo material, localisavel.

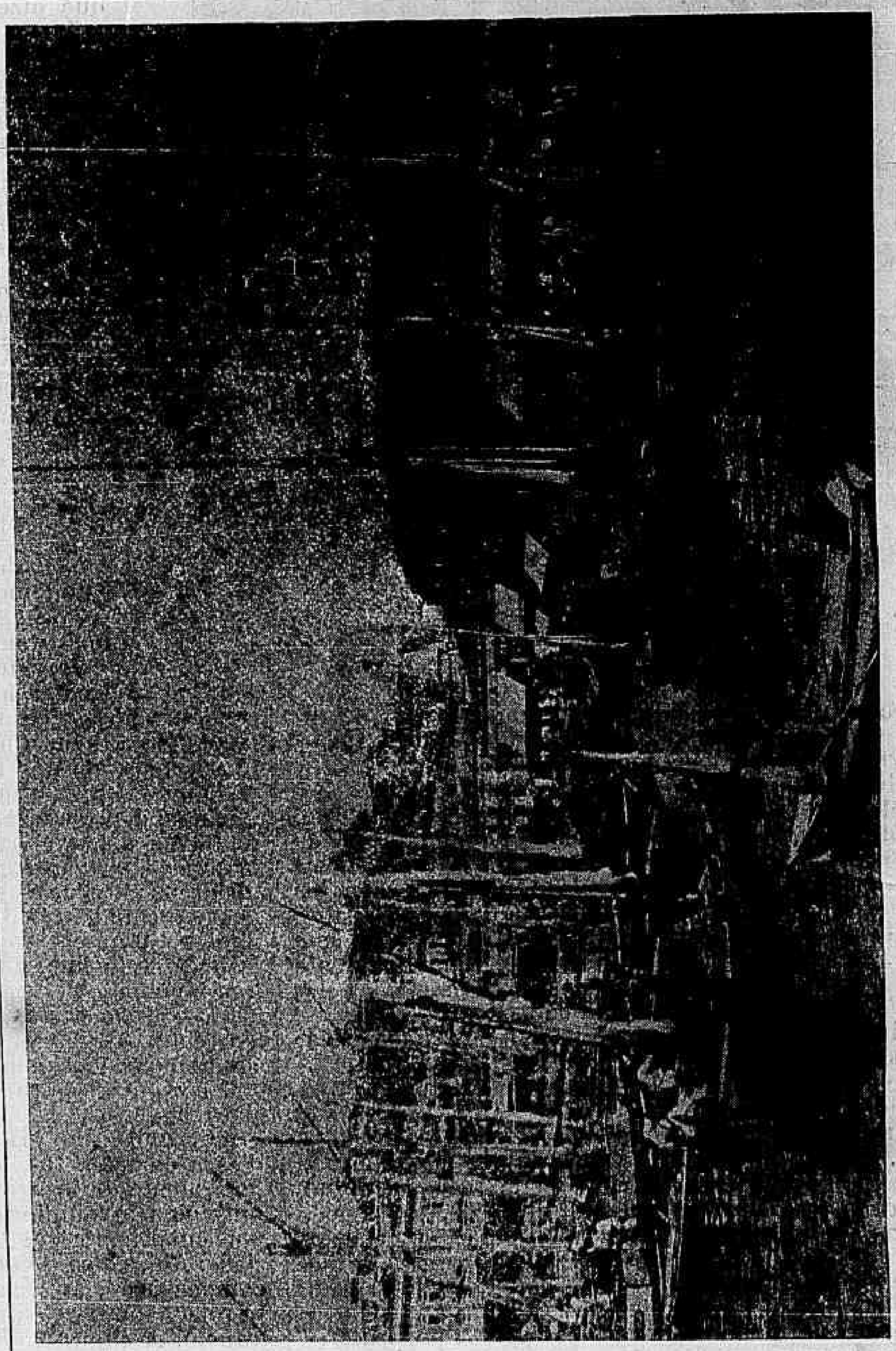
Do mesmo modo que a simples recordação de um soffrimento póde chegar, por si só, a constituir uma nova dôr — a lembrança da privação de um prazer alcança tambem frequen-

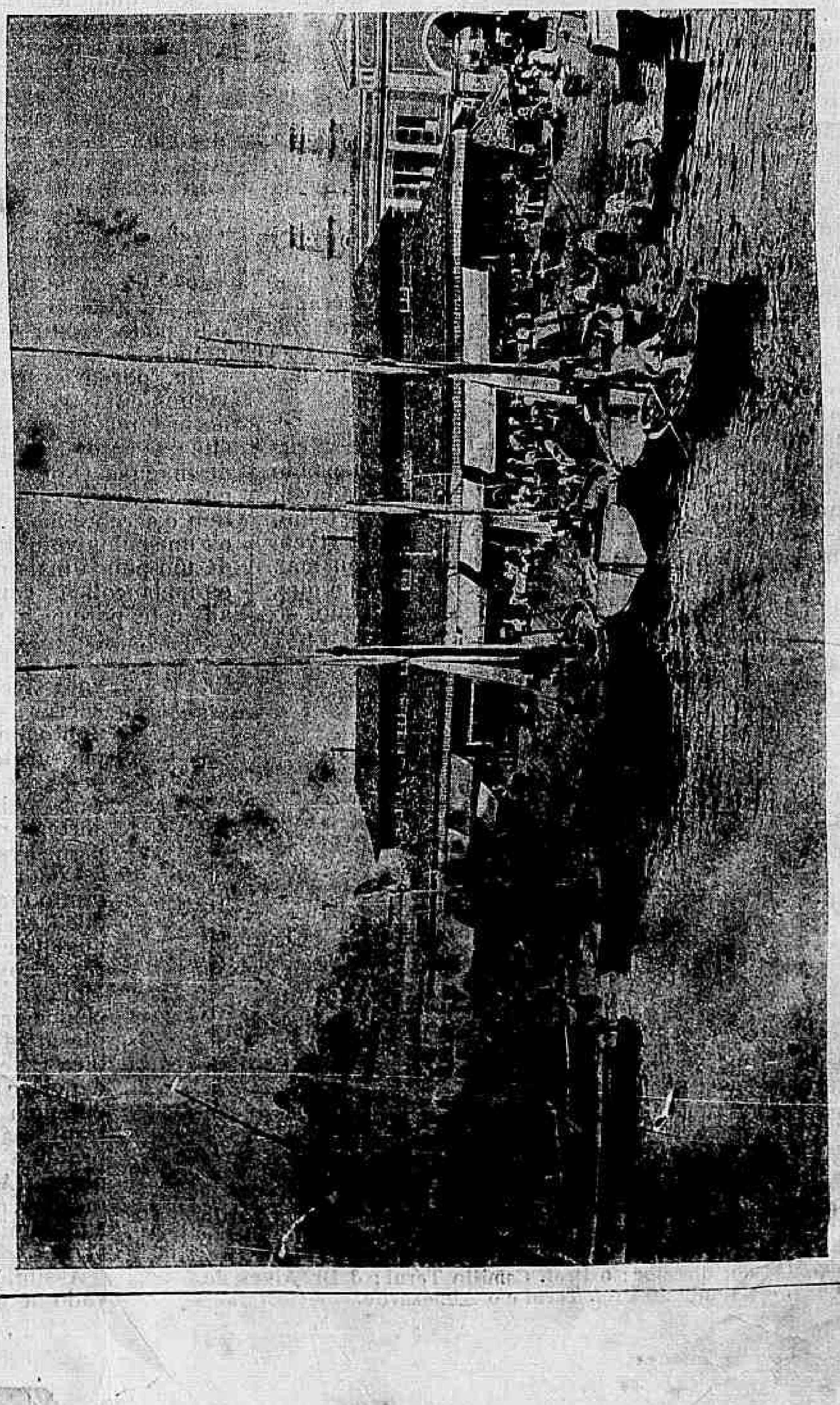


Co[illegible] — Photographia do Dr. Mario M. Galvão

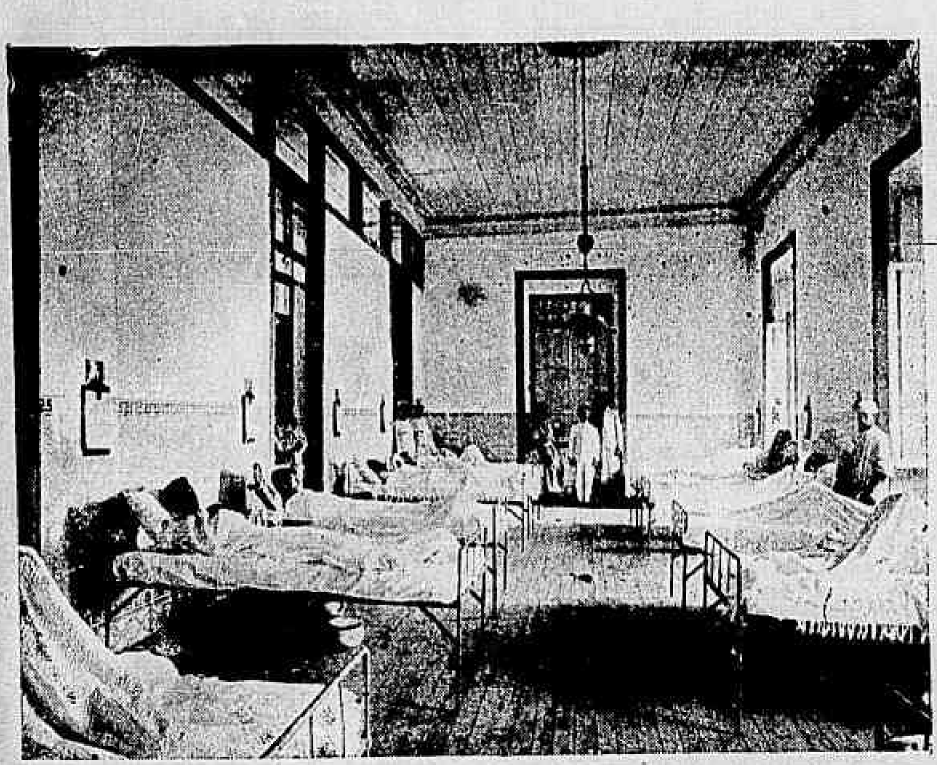
PRAÇA DO MERCADO







Vistas instantaneas tiradas de manhã, á hora de mais movimento



Na Jurujuba. — Sala dos operados

temente o mesmo resultado. E, quando aqui se diz *prazer*, sem epitheto algum, é para não voltar a repetir a palavra *physico*, a cada momento.

Pois bem: querem os psychologos, casta de gente abominavel, que a dôr de um poeta desgrenhado e lyrico, chorando a morte de sua bem-amada, não passe de uma confusa evocação de todos os prazêres de que essa morte o vem privar. E' um caso de memoria. De simples memoria dos prazeres por ella mesmo dados, si o patife do poeta já os conhecia — maganão! — por sciencia propria. De imaginação e memoria si, não tendo até então passado de um pífio platonismo, fantasiava nella os gozos que outras lhe haviam dado.

Sem duvida, isto não surge nitidamente na consciencia. Exactamente porque as representações são muitas e torna-se impossivel evocal-as todas, o que ha é uma sensação de conjuncto.

Porque o homem que ganhou laboriosamente uma fortuna, deixa-se possuir de um desespêro enorme, quando lhe sobrevem a noticia da sua ruína? Porque elle recorda — por um lado, todos os esforços, decepções, trabalhos e soffrimentos que teve de superar para chegar áquelle resultado; — por outro lado, sua imaginação lhe faz antevêr a privação de todas as esperanças de goso, de conforto, de prazeres diversos. Pode á consciencia não lhe acudir nenhuma d'essas imagens, particularisada com maior vivacidade. Mas é do confuso despertar da memoria de todas ellas que vem a sua dôr. E todas ellas, no momento exacto em que foram soffridas, não passavam de dôres *physicas*.

Seria sempre possivel, n'esse trabalho de microscopia sentimental, provar que os mais nobres sentimentos compõem-se sempre, em ultima analyse, da simples recordação de sensações as mais destituidas de poesia. E' pelo menos essa a pretenção dos psychologos modernos...

— Admittamos tudo isto. Mas, como curar essas maguas?

Não é isto que a sciencia, por ora ao menos, lhes promette.

A lembrança de uma mulher, de uma pessoa querida, deve estar em meia duzia de cellulas da nossa mioleira. Sua graça, seus encantos, a recordação de todos os prazeres que ella nos deu, não occupa talvez espaço superior a um millimetro quadrado dentro da nossa cabeça. De futuro, quando se poder saber onde está em cada cerebro cada idéa especial, as tristezas curar-se-hão facilmente. Far-se-há uma trepanação, abrindo o craneo como já hoje se pratica correntemente, e o operador extrahirá na ponta do bisturi um tiquinho de massa cinzenta, na qual irá a recordação de tudo o que nos fazia soffrer.

Mas ainda estamos muito longe d'isso!...

O que os medicos já se presumem aptos para curarem é a tristeza, a tristeza habitual, esse vago estado de espirito que nos faz acharmos tudo desagradavel, incommodo, suscitando sempre representações de tedio, de mal-estar, de aborrecimento. Os que assim vivem explicam, ás vezes, a origem mysteriosa do seu mal, recorrendo a altas e nobres cogitações. Asseveram que, tendo descido ao fundo das cousas, pelo raciocinio, só ahi acharam motivos de tristeza. São elles que dizem como dizia Anthero do Quental, fallando ao Sol:

> « O que trazes ao mundo em cada aurora?
> O sentimento só, só a consciencia
> de uma eterna, incuravel impotencia
> do insaciavel desejo que o devora!
>
> Dè que são feitos os mais bellos dias?
> De combates, de queixas, de terrôres...
> De que são feitos? De illusões, de dôres,
> de miserias, de maguas, de agonias... »

Não! o mundo não é assim. Elle não é nem triste, nem alegre: nós é que o julgamos d'este ou d'aquelle modo, conforme os nossos nervos. A natureza nem nos acalenta amorosamente, nem nos persegue com ferocidade: ella é supinamente indifferente a tudo...

> « E' dentro de nós que existe
> a alegria ou a tristeza
> que a noss'alma alegre ou triste
> julga estar na natureza. »

Si é dentro de nós, disseram os medicos, estudemos esse caso. E estudaram. Tratava-se, primeiro, de saber bem os symptomas da molestia.

Foi um autor dinamarquez, professor na Universidade de Copenhague que melhor formulou a physiologia e a pathologia das emoções, apresentando a theoria mais racional, exposta, desenvolvida e aperfeiçoada por Theodulo Ribot.

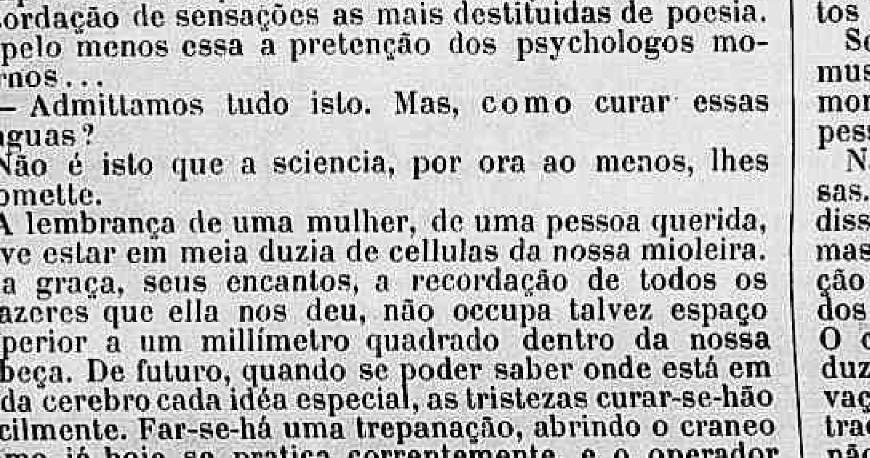
Lange verificou que « o traço caracteristico da physiologia e, por consequencia, da physionomia da tristeza é talvez *a acção paralysante que ella exerce sobre os musculos voluntarios.* » Na tristeza, a gente faz com esforço, movimentos que em outro estado de espirito são executados facilmente. Ha nma sensação geral de fadiga. A innervação latente dos musculos diminue, a cabeça se inclina, e por isso se diz frequentemente que um homem está *vergado, abatido, acabrunhado pela tristeza.* — « *Uma tristeza esmagadora* » é tambem expressão corrente. A's vezes, os que se sentem feridos por esse sentimento nem podem manter-se em pé, porque as pernas não tem força para sustêl-os.

Isto é o lado visivel, apparente d'essa emoção. Ha, porém, concomitantemente outras modificações nos musculos involuntarios, organicos e particularmente nos das tunicas arteriaes. Ahi, dá-se o contrario. Por uma compensação, ao passo que os outros se relacham, os vaso-motores se contrahem. Assim, o calibre das arterias diminue, o sangue é expremido dos pequenos vasos e diversos tecidos ficam exangues. D'isso provem a pallidez habitual dos melancolicos, porque a pelle fica anemiada. E uma vez anemiada, ella tem constantemente a sensação de frio. Os tristes são friorentos e encolhidos.

Seja qual fôr o estado dos meus musculos e arterias, si eu receber neste momento a noticia da morte de uma pessoa querida, ficarei triste.

Não se trata agora de indagar causas. Si o meu amigo passar por esse dissabôr, ficará effectivamente triste, mas o que se affirma é que essa emoção acompanharse-ha infallivelmente dos respectivos symptomas physicos. O choque causado pela noticia produzirá exactamente a anemia do cerebro, a má innervação dos musculos voluntarios, e além d'isso a contracção excessiva das arterias. A consciencia da tristeza não póde existir sem todo esse conjuncto de phenomenos.

Ha, porém, a considerar outro caso: é o dos individuos cuja tristeza não depende d'esta ou d'aquella noticia má, que são organicamente, profundamente, substancialmente tristes; que veem em tudo motivos de máguas. O que era effeito no primeiro caso tornou-se neste outro a causa. Essas pessoas são assim, porque tem o cerebro mal irrigado de sangue, a pelle anemiada, os musculos voluntarios sem força. Desde que se lhes dê um pouco mais de vivacidade á pressão do sangue, os melancolicos romantismos irão por agua abaixo. E ahi está porque a medicina tem a pretenção de curar tristezas.



Na Jurujuba. — Os cavalheiros que estão sentados são, a partir da esquerda, o pharmaceutico José Domingues Vieira; o Dr. Victor Godinho; o Dr. Carvalho Leite, vice-director do Hospital; o Dr. Tavares de Macedo, director; o Prof. Camillo Terni; o Dr. Alves de Magalhães, assistente do Prof. Terni e o Almoxarife.

A tristeza é uma doença — sabei-o vós, ó vates lyricos e choramingas. Si quereis conservar as vossas rimas merencorias, não vos approximeis do Dr. Maurice de Fleury. Vêl-o-eis surgir armado de uma seringa de Pravaz, disposto a injectar-vos uma bôa dose de serum artificial. E convireis commigo que a seringa nunca foi um apparelho muito harmonisavel com a poesia...

Conta esse medico que tinha uma criada muito macambuzia, soturna e cabisbaixa. Era docil, carinhosa, incapaz de rebellar-se contra qualquer ordem, mas, em compensação, parecia abysmada na mais profunda tristeza. Um dia, elle lhe fez uma injecção do que se chama *serum artificial* e pode ser, muito simplesmente, uma solução de agua de qualquer bica e de sal de qualquer cozinha. Minutos depois, a mulherzinha andava por toda a casa em uma actividade extraordinaria — tão extraordinaria que lhe deu para quebrar os pratos e os copos e para brigar com a cozinheira. Apregoava além d'isso os seus altos meritos, a importancia de que todos cercavam sua familia, n' pequenina aldeia em que vivia.

Assim, uma só dose de serum tinha-a levado a esse extremo opposto: do abatimento havia ido ao orgulho e á colera! Graduando, porém, o que lhe convinha applicar, chegou o Dr. Fleury, a dar-lhe a quantidade precisa para excitar-lhe a vivacidade, sem todavia leval-a a excessos. E a mulherzinha, assim que a pressão do sangue elevou-se mais nas suas arterias, passou a ser uma creatura bem disposta, alegre, prompta para o trabalho.

— De sorte que o senhor acha que isto de tristezas e de alegrias, mede-se no pulso, pela força do sangue?

— Quem pensa assim não sou eu: é um batalhão de sabios, graves, solemnes e respeitaveis. Ha um apparelho, cujo nome é extremamente rebarbativo — o *sphygmo-manometro* — que tem exactamente por fim medir a força do sangue no pulso. Busca-se indagar o peso de quantos millimetros cubicos de azouge é necessario

Diz-se correntemente: *uma tristeza amarga.* Acha o professor dinamarquez, que talvez haja nisso mais que uma figura de rhetorica, porque effectivamente, as secreções diminuindo, a bocca se torna secca, a lingua viscosa e da aridez da lingua provém um gosto amargo bem real.

O cerebro que, como todos sabem, é ricamente banhado de sangue, fica tambem mal irrigado. Falta-lhe esse elemento essencial: d'ahi a inercia, a molleza, a obtusão mental, uma expressão de lassitude, acabrunhamento, desgosto pelo trabalho.

E' ao conjuncto de todos esses symptomas que se chama *tristeza.* Combatendo-os, combater-se-hia igualmente o mal: foi o que affirmaram os autores de tal doutrina.

Houve, porém, objecções. Disseram alguns que os psychologos tomavam o effeito pela causa.

— Tudo isto que vocês enumeram, asseveravam esses oppositores, é a consequencia de uma causa mysteriosa. A tristeza póde existir mesmo sem isso.

Ahi está o que não é exacto. Um individuo cuja circnlação peripherica e cerebral se faça regularmente, cujos musculos voluntarios se contraiam com vigor e força, cuja respiração seja normal não póde *sentir* tristeza. Casos ha, na litteratura, de artistas exhuberantes de seiva e que, entretanto, deixaram obras de uma tristeza desoladora, tal qual como outros, eivados de incuravel melancolia e desespero, legaram-nos trabalhos que são verdadeiros hymnos de alegria, cheios de verve e espirito. Mas, uma de duas: ou no momento de comporem esses trabalhos o seu organismo soffria uma reacção correspondente ao novo estado de alma, ou a composição se fazia sem que o autor *sentisse* elle proprio a emoção que estava descrevendo. Já atrás fallamos de Schopenaner e Hartmann: o facto de terem sido pessimistas philosophicamente, em doutrina, não prova que o tivessem tambem sido na pratica. Bem ao contrario! Se qualquer d'elles houvesse sentido a tristeza do mundo com a mesma intensidade com que ambos a descreveram, nenhum se entregaria á lucta militante pelo livro, pelo jornalismo e pela palavra. Pois se tudo é ruim e triste, se nada podemos corrigir — para que pugnar, fallar, propagar essas verdades? O ardor bellicoso d'esses dois chefes da philosophia allemã pessimista, prova que o seu pessimismo era todo *raciocinado*, mas não *vivido*. Fallavam de desesperos sem consolo, sendo consolados e esperançosos, como qualquer de nós que nunca foi á China, poderá talvez descrever algumas de suas paysagens. Mas o que, positivamente, não se encontrará jamais é o sentimento real, profundo e sincero de magua e melancolia, ligado a symptomas oppostos áquelles que ficaram enunciados acima.

Isto, porém, não resolve a questão de causa — dirão os contestantes da doutrina physiologica.

para fazer parar as pulsações. Está averiguado que as emoções mais fortes: o furor, a colera, acompanham-se de uma pressão muito elevada: o sangue bate com violencia. As emoções mais brandas são, em compensação, paralellas com a brandura da circulação. E' bom ver bem que não se trata da *frequencia*, mas da *força*, mesmo porque os pulsos muito fracos são até os que apresentam maior frequencia.

O Dr. Maurice de Fleury organisou um quadro que permitte ver a que sentimento corresponde em cada individuo a respectiva pressão arterial. Deixemos, porém a fórma de quadro. Demos sómente para cada estado emocional, o numero de millimetros de mercurio para fazer parar as pulsações, ou o que é o mesmo, a força do pulso. Assim, quando o pulso vai de 30 a 29 paroxysmo, vontade de matar; de 28 a 25 grande furor; gestos e palavras paroxysticas; necessidade de destruir os objectos inanimados — colera; de 24 a 22 irritação, lagrymas, gestos e gritos sem razão apparente de ser,

Na Jurujuba. — Animaes inoculados para a extracção da vaccina
(Esta, como as demais photographias do hospital de pestosos, nos foram gentilmente offerecidas por um dos redactores da *Noticia*, que, visitando, ha dias, aquelle estabelecimento photographou as scenas e pontos principaes.)

mas em ultima analyse destinados a gastar o excesso de força nervosa, accumulada no organismo; de 21 a 20 coragem, virilidade de animo, ardor para o trabalho; de 19 a 16 alegria ruidosa e expansiva — jovialidade — franca — sorriso; de 15 a 14 nada de notavel, zona de indifferença; de 13 a 11 meiguice, modestia — timidez; de 10 a 8 tristeza, fadiga; de 7 a 6 preguiça; de 5 a 1 medo — terror; de 0 syncope, anniquilamento intellectual.

E' evidente que não se trata aqui de uma correlação mathematica exacta. Ha differenças individuaes, de pessoa a pessoa. Mas o quadro indica bem não só as médias, como a escala das emoções.

— Logo, para curar a tristeza habitual que é o preciso?

— Elevar a pressão arterial, oscillando entre 8 e 10 millimetros, até 16 ou mais.

E' o que lhes receita o Dr. Fleury.

Ah! se se curassem todas as maguas do mundo! Mas as maguas nos são, ás vezes, mais queridas que certas alegrias. Um fazedor de versos, compondo um *Hymno do Riso* escreveu certo dia, numa pagina de ironia acerba:

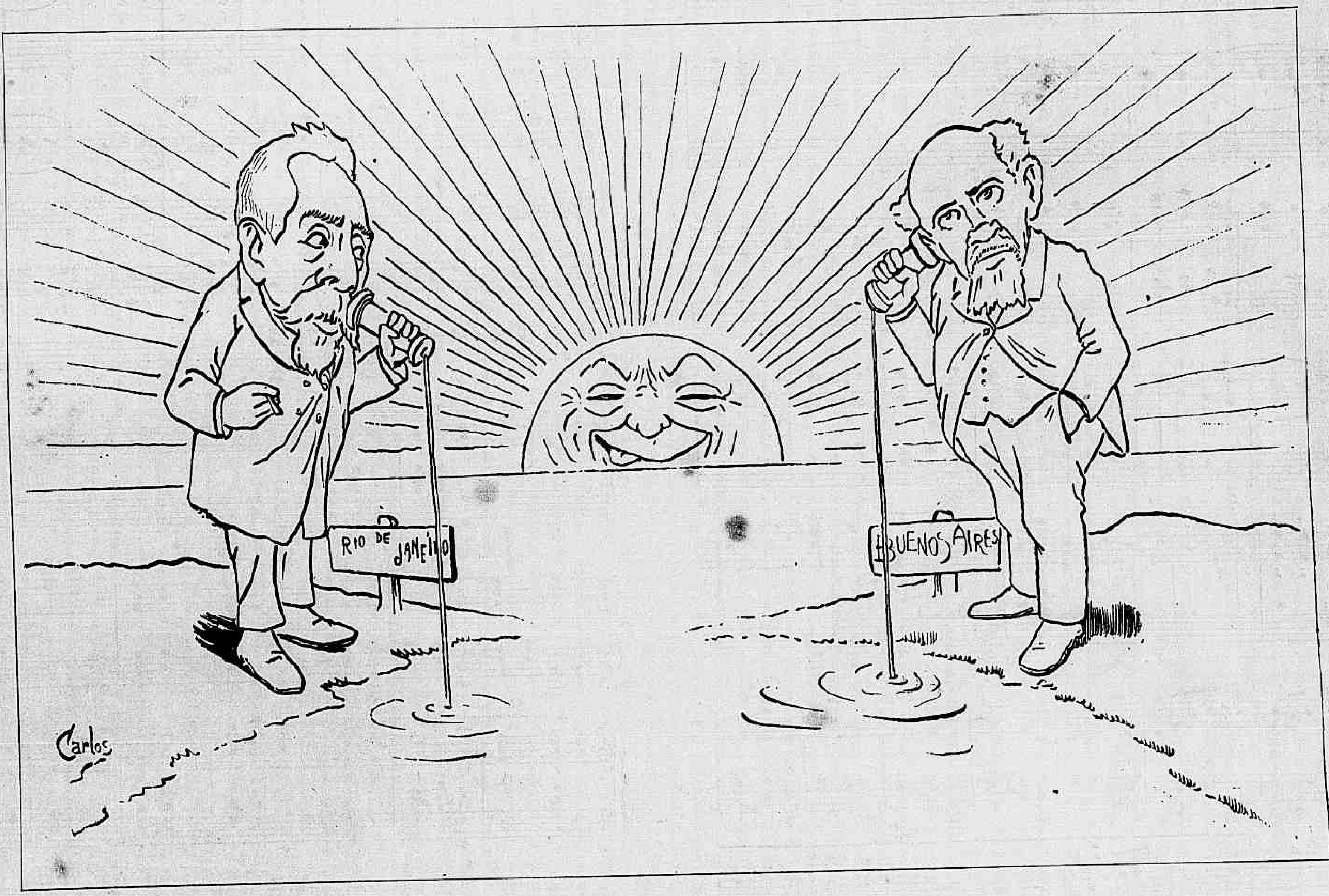
«Bemdito quem não chora! A gotta ardente
de chôro — mancha a mais divina face...
Feliz o filho louco, que passasse
pelo esquife da mãe alegremente!»

Mas Narciso de Lacerda disse melhor em um soneto tambem sobre o *Riso*.

«Eleitos do Senhor são os que riem...
Mas eu maldigo aquelles que não choram!»

Ha tristezas de que nenhum de nós quereria ficar curado. Infelizmente, mesmo das outras, muitas existem sem remedio...

Dr. Charl Hátha.



— Allô; vens ou não vens?
— Fica transferido para quando se annunciar, por causa do máo tempo.

COMPANHIA DE
LOTERIAS NACIONAES DO BRAZIL
Séde: CAPITAL FEDERAL
29 e 29 A Rua Nova do Ouvidor 29 e 29 A
Caixa do Correio n. 41 — Endereço Telegraphico — LOTERIAS

27.a
Grande
Loteria
da CAPITAL FEDERAL
EXTRACÇÃO INTRANSFERIVEL
Sabbado, 21 do corrente
A'S 3 HORAS DA TARDE
200:000$000
Em bilhetes inteiros a 16$000 e em vigesimos a 800 réis

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de **Camões & C.**, becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correio n. 946 e **Luiz Velloso & C.**, rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do Correio n. 817.

Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando a maior clareza nas direcções e só recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados das loterias da **CAPITAL FEDERAL**. Aceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.

DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

Concursos de aeronautica. — Entre os diversos Congressos que o governo francez fez reunir este anno, figura o de Aeronautica. A' frente d'elle, estão o professor Marey, o astronomo Janssen e o tenente-coronel Renard, chefe do serviço aerostatico francez.

Esse Congresso vai abrir uma serie de concursos que serão de certo interessantissimos. Os mais curiosos são os seguintes:

— de altura;
— de rapidez;
— de distancia;
— de duração de viagem;
— de direcção;
— de photographias em balão;

Os concursos de altura apresentam certo perigo. Trata-se de saber quem se elevará mais alto. Como, porém, acima de 8.000 metros a athmosphera não é mais respiravel, o enthusiasmo de alguns concurrentes podia leval-os á morte. Por isso, os membros da commissão organisadora dos certamens estabeleceu como regra, que quem passasse além de 7.500 metros seria desclassificado.

Haverá, porém, um concurso de alturas sem limitação: é o dos balões-sondas. Estes balões, que servem principalmente para o estudo das questões de meteorologia, não carregam a seu bordo senão apparelhos registradores das variações da pressão, calor, direcção de ventos, etc.

Naturalmente, é impossivel determinar com exactidão, mesmo approximada, onde cahirão. Levam, porém, instrucções para que os habitantes do logar, onde possam ir ter, recolham os instrumentos e communiquem o ponto, para que se trate da remessa. Até hoje, apezar de centenas de balões-sondas terem sido soltados, ainda não houve caso de extravio. Quem, portanto, quizer, poderá concorrer a este pareo, sem o risco da propria pelle, o que é uma consideração muito razoavel...

Os concursos de rapidez consistirão em ver quem transpõe mais depressa uma determinada extensão, que será pouco mais ou menos de cem kilometros. Tudo está em saber utilisar bem a melhor corrente aérea. Os balões carregam uma certa quantidade de lastro. Quando precisam subir rapidamente, deixam-no cahir. Quando ao contrario, querem descer, abrem uma valvula por onde o gaz se escapa. No estado actual da questão, em que ninguem póde ainda affirmar ter descoberto a dirigibilidade dos aerostatos, é esse o principal recurso: subir ou descer até achar a corrente de vento que lhe convenha, o que *theoricamente* é sempre possivel, porque ha sempre no espaço correntes e contra-correntes em todos os sentidos. Quem pretenda apanhar o premio de rapidez, terá de buscar a de vento mais forte.

Os concursos de distancia apresentam aos aeronautas um problema mais complicado: trata-se de ver quem consegue ir mais longe. Não se cogita, porém, do tempo; que seja de pressa ou de vagar, pouco importa.

Nestes termos ha o recurso de aproveitar tambem uma corrente de vento mais forte que naturalmente impellirá o balão para bem longe. Mas para o aeronauta manter-se numa corrente d'essas precisa a todo o momento estar, ora sacrificando lastro, ora gaz e d'esse modo póde afinal acontecer não ir muito longe. Outro competidor, que poupe esses dois preciosos recursos e se abandone um pouco á fantasia das correntes aéreas, talvez ao contrario, sem nenhum esforço, ganh[illegible] ctoria.

Restam os concursos d[illegible] opinião de um autor [illegible] mais uteis. Como se [illegible] longas viagens em [illegible]

TES YEUX...

Valsa especialmente composta para a "Revista da Semana" por Abdon Milanez.

quarenta horas. Por que? porque não se tem estudado o problema seriamente. Ainda aqui tudo está na economia de lastro.

Em regra, cada aeronauta gasta por hora vinte kilos de lastro. Mas não é possivel levar a bordo de um balão quantidades enormes de peso. Assim, tudo está em saber poupar esse grande recurso. No anno passado houve duas viagens consideradas notaveis pelas circumstancias especiaes em que foram realizadas. Uma durou 27 horas, tendo o aeronauta despendido apenas 150 kilos de lastro; a outra, melhor ainda, não passou de 23 horas, mas só gastou 90 kilos. Assim, com um balão bem grande, levando a seu bordo quantidade larga de lastro, será talvez possivel permanecer no ar durante alguns dias.

Todos estes certamens não enthusiasmam, entretanto, o grande publico. O que elle reclama é o aerostato dirigivel, que sáia de ponto certo e vá a ponto certo, como um carro, como um trem, como qualquer outro meio de locomoção. Ha, certo, bellissimas tentativas. Mas, por ora, são apenas tentativas. Não obstante, o Congresso abrio tambem concursos de direcção.

[illegible] ideal nesse caso seria marcar um ponto [illegible] que todos se dirigissem. Mas é [illegible] isso que não póde ser feito [illegible] no dia da experiencia, [illegible] pequenos balõesi- [illegible] ninguem, para ver [illegible] os arrasta. Sabido isto, a commissão marcará então alguma cidade proxima, que fique tambem para esse lado. Cumprirá aos aeronautas aproveitarem a corrente e fazerem os maiores esforços para cahirem justamente no ponto indicado.

Faltam, por ultimo, os concursos de photographia em balão. Ahi, trata-se apenas, de uma questão connexa.

Como se vê, o Congresso não é muito cheio de utopias. Elle mostra não esperar grandes revelações de progressos ineditos. Toda a sua aspiração está em ver o maximo que pódem dar os meios conhecidos até aqui. Se, todavia, e, por assim dizer: de quebra, vierem ainda revelações, tanto melhor!

O telephone nos diversos paizes. — *Engineering*, a importante revista ingleza, dá a seguinte estatistica dos telephones que existem no mundo. O calculo está feito para cada dez mil habitantes. Assim, para essa proporção ha:

na Suecia	113	na Finlandia. . .	29
nos Est. Unidos	107	na Allemanha. .	29
na Suissa	93	na Inglaterra . .	18
no Canadá. . . .	67	na França	7
na N. Zelandia.	60	na Italia	4
no Luxemburgo	47	na Russia	2
na Dinamarca. .	46	no Japão.	1

E no Brazil? No Brazil haverá talvez 1 telephone por cada grupo de 32.000 habitantes...

O que se bebe no mundo. — Muito se bebe pelo mundo afóra! Agua? Qual agua! Isso é um velho liquido deselegante e desmoralisado. As bebidas a que se allude aqui são a cerveja, o vinho e os varios alcools.

Na Inglaterra, ha uma commissão parlamentar, especialmente incumbida do estudo das bebidas alcoolicas. No seu ultimo relatorio, publicaram-se dados interessantes. E' na Bavaria, que mais se bebe cerveja: regula approximadamente 255 litros por habitante. Vem depois a Hollanda. Tambem por lá não são poucos os *chuvas* encervejados. O consumo por cabeça vai a 207 litros. A Inglaterra chega nesse páreo em terceiro logar: 148 litros e meio por habitante.

Deduzam d'essas populações as crianças, as mulheres e mesmo os homens validos que não ingerem alcool algum e vejam, que repartida aquella quantidade só pelos bebedores effectivos a cifra devia subir muito!

Tomando, porém, em conjuncto todo o gasto de outras bebidas alcoolicas, quem vem na ponta é a Allemanha. Por anno, ella gasta 454 milhões de litros. Segue-se a França, que consome 330 milhões e os Estados-Unidos 284 milhões. Tratando, porém, do vinho, o primeiro logar é da França: 4.167 milhões de litros, o segundo da Allemanha: 351 milhões, o terceiro dos Estados-Unidos: 99 milhões e afinal o quarto — 76 milhões e meio — da Inglaterra.

Nunca o velho Noé imaginou que os seus descendentes chegassem a taes excessos! — E dizem espiritos emperrados que não ha progresso!...

Os terremotos na Grecia. — Todos aquelles que têm assistido aos grandes tremores de terra dão noticia do panico sem igual, que se apodera de homens e animaes nessas occasiões, panico muito em desproporção com o que occorre em outras catastrophes. E' que realmente o terremoto importa na subversão de uma das idéas mais arraigadas no nosso cerebro: a da absoluta estabilidade do solo. Só o que nos parece bem seguro é o que está em — *terra firme*. Assim, quando essa firmeza falha, não sabemos realmente a que recorrer.

Tal noção deve, entretanto, faltar a certos povos, entre os quaes os japonezes e os gregos. A terra em que elles vivem nada tem de firme; está constantemente achacada de tremeliques e sacudidelas.

O segundo volume dos *Annaes* do Observatorio de Athenas contém um catalogo dos abalos sismicos occorridos na Grecia no periodo de 1893 a 1898. Sabem quantos foram? Nada menos de 3.187! E' principalmente em Abril e Maio, em plena primavera, que a velha Hellade fica com esse prurido mexedico, duas vezes mais forte que o do proprio Japão.

Officinas da Revista da Semana, Lavradio, 150
Rio de Janeiro